

Super

ARROCHO

dá credibilidade

CORREIO BRAZILIENSE

Brasil economiza 41% a mais do que o previsto em acordo com o FMI e fortalece confiança do mercado na saúde das contas públicas

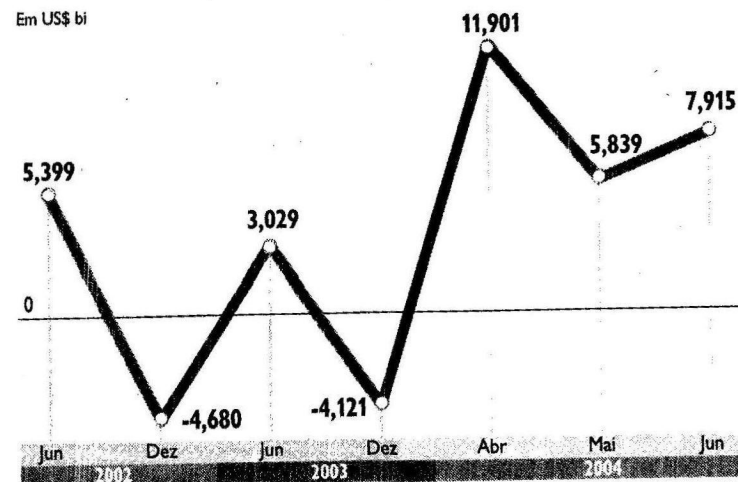
O ESPETÁCULO DO APERTO FISCAL

Os principais números das contas públicas

Resultado primário

Receitas menos despesas, sem incluir gastos com juros

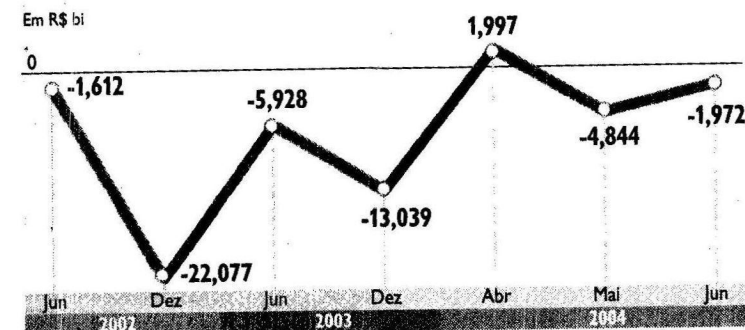
Em US\$ bi



Resultado nominal

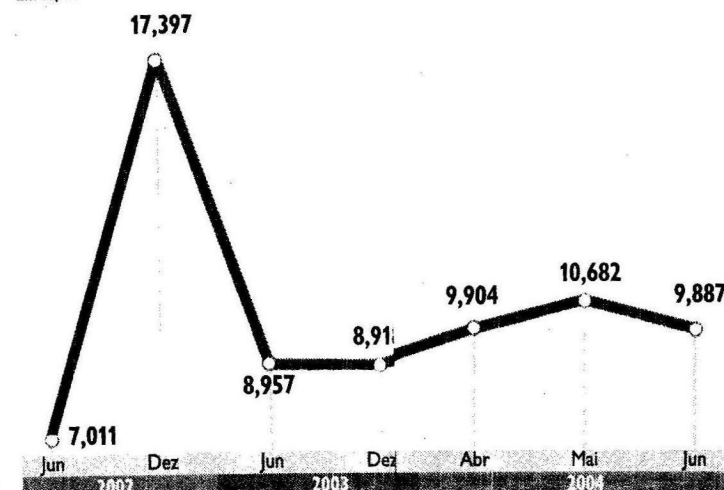
Receitas menos despesas, incluindo gastos com juros

Em R\$ bi



Gastos com juros

Em R\$ bi



Superávits e metas

Em R\$ bi

	O que fez o governo	O q exigia o FMI	Diferença %
1999	15,472	12,883	120,1
2000	23,714	16,175	146,6
2001	30,417	21,473	141,7
2002	28,900	25,000	115,6
2003	40,009	34,500	116,0
2004	46,183	32,600	141,7

Fonte: Banco Central

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A retomada do crescimento, que tem impulsionado a arrecadação de impostos, e o forte arrocho na liberação de verbas orçamentárias levaram o setor público — União, estados e municípios — a fechar o primeiro semestre do ano com superávit primário (receitas menos despesas, sem levar em conta os gastos com juros) de R\$ 46,183 bilhões. Foi o melhor resultado para o período desde que o Banco Central começou a fazer esse tipo de levantamento em 1991. O número, considerado excepcional pelo chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, superou em 41,7%, ou R\$ 13,583 bilhões, a meta de superávit fixada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para o período, de R\$ 32,6 bilhões.

Esse excedente equivale a 32 vezes o total de recursos (R\$ 417 milhões) destinados ao Programa Fome Zero, a grande vedete do governo Lula, neste ano ou a mais que o dobro do Orçamento do Ministério da Educação (R\$ 6,3 bilhões). Em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), o acordo com o Fundo previa superávit primário

de 4,25%. Devido ao superaperto promovido pelo governo e ao salto substancial das receitas, o superávit fechou junho em 5,76% do PIB, também um recorde dentro da série histórica do BC.

Para se ter uma idéia de como o governo Lula está administrando as contas públicas, o superávit acumulado entre janeiro e junho correspondeu a mais de uma vez e meia o resultado (R\$ 28,9 bilhões) registrado nos primeiros seis meses de 2002, último ano da gestão de Fernando Henrique Cardoso, que ficou famoso por arrochar os gastos em seu segundo mandato. “É natural que, no primeiro semestre, sempre haja uma folga no superávit pelo controle das despesas. Neste ano não está sendo diferente”, afirmou o economista do BC.

Para cumprir o acordo com o FMI até o final do ano, de superávit de R\$ 71,5 bilhões, as três esferas de governo terão de economizar, em média, R\$ 4,2 bilhões por mês entre julho e dezembro. Os estados contabilizaram superávit de R\$ 9,181 bilhões e os municípios, de R\$ 1 bilhão. O ponto negativo ficou com as estatais federais: déficit de R\$ 1,152 bilhão. Entre janeiro e junho de 2003, as estatais contribuíram com R\$ 6,3 bilhões do superávit primário.